

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

1ª SÉRIE

4º BIMESTRE

AUTORIA

ROBERTA CAMPOS DE CARVALHO DE PACE

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

O Texto Gerador I é uma entrevista com o escritor e desenhista Ziraldo que fala sobre seu menino mais famoso, que vai completar 25 anos.

O PAI MALUQUINHO

Gabriela Romeu enviada especial ao Rio

Ele tem fogo no rabo, vento nos pés, macaquinhos no sótão - e vai completar 25 anos. É o Menino Maluquinho, personagem criado em 1980 pelo escritor Ziraldo, dono da teoria de que criança feliz só pode virar um adulto legal. Várias gerações cresceram com as peripécias do Maluquinho, que já foi para o cinema, o teatro, a internet e a ópera. O livro vendeu 2,5 milhões de exemplares.

Folhinha – *Você foi muito influenciado por sua mãe ao entrar no mundo das letras, não?*

Ziraldo – *Minha mãe me ensinou as letras. Eu as conhecia como pessoas vivas, mamãe dizia que o “A” era um sujeito de perna aberta, o “B” era um barrigudinho, o “C” era um comilão, o “D” era um pançudo, o “X” era um “H” de cinturinha apertada. Aprender a ler é a maior aventura da criança.*

Folhinha – *Você era um menino de zero de comportamento como o Menino Maluquinho?*

Ziraldo – *Não, eu era muito agitado. Sempre fui um menino fazedor de coisas. O tempo que você gasta sonhando é o mesmo que gasta fazendo.*

Folhinha – *Você usa sempre a palavra menino. Até hoje, em Minas Gerais, criança é chamada de menino, não?*

Ziraldo – *Isso. Meu avô tinha nove filhas e um filho. Ele dizia: “Os menino lá de casa é tudo muié, só tem um homem”. E falava menino homem e menino mulher. Eu acho a palavra menino deslumbrante.*

Folhinha – *E agora o Menino Maluquinho faz 25 anos...*

Ziraldo – *E, faz 25 anos em agosto. Esse livro me ocorreu quando fazia uma palestra para pais e mestres e falava de criar filhos. Eu tinha a tese de que filho não devia ser chateado, filho é o rei da casa e tem que ser feliz, pois só um menino feliz pode virar um cara legal. A ideia ficou na cabeça e fiz “O Menino Maluquinho”.*

Folhinha – *Quando você desenhou o Maluquinho pela primeira vez, ele já tinha aquela cara?*

Ziraldo – *Sim. Eu só sei desenhar menino assim, com essa cara redonda. Queria um livro interativo, em que a criança pudesse brincar, completar o desenho, pintar. Tem uma coisa engraçada, ele não tem panela na cabeça dentro do livro. Ela surgiu na hora de desenhar a capa, pois maluco é Napoleão, então desenhei um Napoleãozinho com a panela na cabeça.*

Folhinha – *E seus próximos livros?*

Ziraldo – *Tenho uns livros bolados. Tem “O Último Menino”, que eu não quero publicar com esse título, “O Menino das Cavernas” e “Os Meninos de Marte”, que acho que é o que eu vou fazer. Vou fazer uma turminha de nove meninos, o menino de Marte, o de Vênus, o de Mercúrio...*

Folhinha – *Os meninos o perseguem.*

Ziraldo – *E, meu tema é menino.*

<http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/dicas/di08010505.htm>

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 1

Observe o trecho a seguir:

- Isso. Meu avô tinha nove filhas e um filho. Ele dizia: “*Os menino lá de casa é tudo muié, só tem um homem*”. E falava menino homem e menino mulher. Eu acho a palavra menino deslumbrante.

Depois de ler cuidadosamente, responda:

- a) Que variedade linguística predomina na entrevista como um todo?
- b) Explique a variação linguística usada pelo avô de Ziraldo nesse trecho comentado na entrevista.
- c) Transcreva a frase em que aparece a OPINIÃO do entrevistado. Quais são as marcas linguísticas que o fizeram identificar a frase de opinião?

Habilidade trabalhada

Identificar marcas linguísticas de impessoalidade, opinião e generalização. Identificar a variação linguística nas entrevistas.

Resposta comentada

- a) Ziraldo usa predominantemente a variação padrão da língua..
- b) O avô de Ziraldo foge da variante padrão, pois é do interior de Minas Gerais, região de falares específicos, tais como muié, menino homem, menina mulher.
- c) “*Eu acho a palavra menino deslumbrante.*”, marcado pelo pronome em 1 pessoa: EU, e lodo após o verbo ACHAR, que denota titularidade de opinião.

TEXTO GERADOR II

Luis Fernando Veríssimo

A FINA EXPRESSÃO DA IRONIA

Por Luiz Costa Pereira Jr.

O idioma do mestre da ironia brasileira por muito tempo foi o inglês. Luis Fernando Veríssimo passou parte da infância e da adolescência nos Estados Unidos. O pai, Erico,

assumira, entre outros postos, a direção do Departamento de Assuntos Culturais da União Panamericana, órgão ligado à OEA. Por lá, passou períodos intermitentes entre 1953 e 1962. Em boa parte dos seus primeiros 20 anos, Veríssimo teve vida ianque, impregnou-se da prosa americana, do jazz e dos quadrinhos.

Revista Língua Portuguesa

Língua - Existe alguma técnica para quem deseja escrever com ironia?

Luis Fernando Verissimo - É curioso. Os brasileiros estão acostumados com a ironia, nada mais comum do que duas pessoas que se amam se agredirem ironicamente, ou as pessoas dizerem o contrario do que realmente pensam, mas coloque-se isso num texto e o comum é as pessoas não entenderem. Esta é a maior ironia de todas. Se há uma técnica para escrever com ironia? Não, é só ser irônico, brasileiroamente.

Como assim? Que tipo de humor tem o brasileiro que o distingue de outros povos?

Uma das características do humor brasileiro é a auto-depreciação, mas com um toque de orgulho. Tipo o fato de brasileiro não ter jeito mesmo torná-lo um ser excepcional.

Qual é a grande matéria-prima para escrever crônicas? O comportamento? O futebol? As CPIs? O Bush no Iraque?

A principal matéria-prima para a crônica são as relações humanas. O modo como as pessoas se amam, se enganam, se aproximam ou se afastam num ambiente social definido. Ou qualquer outra coisa.

É mesmo possível atingir a profundidade ficando na superfície, como você diz?

A gente pode escrever sobre qualquer coisa, até as mais profundas, sem renunciar à leveza ou à informalidade.

O brasileiro poderia ser definido numa única frase?

Uma única frase? Talvez “Conosco ninguém podemos”.

O que acha dos jargões, como o juridiquês, por exemplo?

Todas as categorias têm suas línguas próprias, que é uma maneira de marcar o território de cada uma e excluir os estranhos, ou os não-iniciados. É natural este desejo das pessoas de pertencer a culturas fechadas com seus códigos exclusivos.

Em plena crise brasileira, um deputado apresenta um projeto para acabar com a crase. O que acha disso?

Eu era contra a crase até aprender a usá-la. Hoje, eu a defendo, para não concluir que perdi meu tempo.

A língua portuguesa corre o risco de ser engolida pela globalização?

Língua da globalização é inglês. Acho que já nos entregamos.

O brasileiro deve reafirmar a própria língua ou aceitar as influências que recebe, numa boa?

A rendição ao inglês já aconteceu. A gente deveria só evitar os exageros. “Delivery” em vez de “entrega”, por exemplo, é um pouco demais.

Você acredita que a desigualdade social se expressa também na língua?

Nada separa as classes como a língua. Fora a renda, claro.

(Texto adaptado. Fonte: <http://www.lavanderiavirtual.com/2005/10/luis-fernando-verssimo-fina-expresso.html>)

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 2

Observe a linguagem empregada pelo entrevistador e pelo entrevistado. Que tipo de variedade eles usam?

Resposta comentada

A variedade padrão.

QUESTÃO 3

Quando conversamos, é comum interrompermos o pensamento, deixando frases incompletas, empregarmos gestos no lugar de uma frase, usarmos palavras e expressões com **né, então, como eu disse, aí,** etc.

- a) Na entrevista, há marcas de oralidade desse tipo ou marcar de informalidade?
- b) Por que, na sua opinião, na entrevista lida, essas marcas de oralidade não aparecem?

Habilidade trabalhada

Identificar marcas linguísticas de impessoalidade, opinião e generalização. Identificar a variação linguística nas entrevistas.

Resposta comentada

- a) Não há marcas de oralidade desse tipo, com exceção da expressão pois é, comum em conversas cotidianas, informais, que é empregada pelo escritor ao responder à pergunta sobre falas regionais.
- b) Resposta pessoal – sugestão: Espera-se que o aluno responda que a entrevista provavelmente foi gravada e tinha marcas como essas, eliminadas depois da transcrição escrita por constituírem “ruídos” que desviariam a atenção do leitor.

TEXTO GERADOR III

MANIAS E HISTÓRIAS SOBRE RAINHAS

A entrevista constitui uma das principais fontes de informação dos gêneros jornalísticos.

Diariamente, jornais e revistas publicam entrevistas sob a forma de perguntas e respostas. Mas uma entrevista também pode ser aproveitada na construção de outros gêneros, como, por exemplo, a notícia, a reportagem e aqueles que traçam o perfil de determinada pessoa. O jornalista conta que ouviu e entremeia seu texto em frases do entrevistado.

Manias e histórias sobre a rainha

O sorriso luminoso e um tom de voz que lembra calma não deixam de dúvidas: Vivina de Assis Viana é daquela estirpe de pessoas que, do tempo, só guardam as boas marcas.

Mesmo assim, insiste brincalhona que, aos 53 anos, é dada a umas “antiguices”.

Não sabe e não quer aprender a dirigir, tem uma antipatia renitente pelos aparelhos eletrônicos em geral, é casada há 27 anos com o mesmo homem. E mais: ela pula miudinho mas não abre mão das tarefas de dona de casa e mãe, o que deixa os três filhos, de 21, 15 e 13 anos menos reclamões do que a maioria dos filhos de mulheres de sete instrumentos.

Coleciona amigos, lembranças e objetos

Vivina tem centenas de crônicas e 14 livros infanto-juvenis publicados - um deles, O dia de ver meu pai (Ed. Formato MG), editado no Japão--, além das dezenas de contos para adultos lançados em vários outros países, milhares de exemplares vendidos e um Prêmio Jabuti, ganhando com O mundo é pra ser voado (Ed. Scipione, SP).

O Prêmio Jabuti é um dos maiores prêmios de alto patamar, que um escritor pode receber.

<http://forums.otserv.com.br/showthread.php?86372-Criando-boas-entrevistase> um escritor pode receber.